

## O MAL E O BEM EM DOSTOIÉVSKI: A LITERATURA COMO REMÉDIO EM TEMPOS DE PANDEMIA

### *THE GOOD AND THE EVIL IN DOSTOIÉVSKI: LITERATURE AS MEDICINE DURING THE PANDEMIC*

Amanda Cristina Maniçoba Vieira  
(Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – UERN)

Maria Eliane Souza da Silva  
(UERN/PPGL - Bolsista do Programa Nacional de Pós Doutorado/Capes (PNPD))

Leandro Lopes Soares  
(Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – UERN/PPGL)

**Resumo:** No livro *Memórias do subsolo* (2009), do autor russo Fiódor Dostoiévski, encontramos muitas digressões filosóficas/existenciais. Elas demarcam um diálogo muito profícuo entre várias outras obras do escritor, auferindo espacialidades sobre a condição humana. Desse modo, observamos em sua escrita o processo de uma narrativa de (de)formação em que a dimensão interior humana declina na concepção de sua personalidade, cogitando, ainda mais em tempos de pandemia, um processo de autoanálise e introspecção a partir da literatura. Assim, objetivamos a problematização entre o bem e o mal na literatura de Dostoiévski, tendo a palavra como remédio/terapia naquilo que menciona o historiador Dante Gallian como prevenção dos males da alma e do corpo (com)padecidos na leitura dos clássicos. Nosso arcabouço teórico terá como base BATAILLE (1989), CANDIDO (2009), GALLIAN (2017), DERRIDA (2005) entre outros autores.

**Palavras-chave:** Fiódor Dostoiévski. Pandemia. Literatura como remédio.

**Abstract:** In the book *Notes from Underground* (2009) written by the Russian author FiódorDostoiévski we're able to find many existential/philosophical digressions. They mark a fruitful dialogue between many other works from the same author, gaining spatialities on the human condition. With this being said, I observed a (de)formation narrative process in his writing in which the internal human dimension decays in the conception of their personality, considering, specially during a pandemic, a process of self analysis and introspection through the literature. This way, I aim to bring a discussion on the good and the evil in Dostoiévski's literature, seeing the word as medicine/therapy having what Dante Gallian mentions as a prevention of the diseases of the body and soul (com)passionate in the reading of classics. My theoretical framework is based on Bataille (1989), Candido (2009), Gallian (2017), Derrida (2005) amongst other authors.

**Keywords:** Fiódor Dostoiévski. Pandemic, Literature as a medicine.

### **Introdução**

As obras literárias *Memórias do subsolo* (2009) e *Crime e castigo* (2019), do escritor russo Fiódor Dostoiévski, trabalham o ser humano a partir da perspectiva universal de uma

aferição da condição humana, possibilitando a exploração de temas referentes a ela como o bem/mal e as circunstâncias (de)formadoras desse processo. A partir das obras do autor, podemos observar a construção desse propósito na noção da literatura como cura, como remédio, haja vista a proposição dos textos literários direcionados a pontes entre o real e o fictício e que, nessa travessia de tempos difíceis como o atual, ajuda-nos a encarar a pandemia do Coronavírus com um pouco mais de leveza.

Dostoiévski nasceu em Moscou, Rússia, em 11 de novembro de 1821. Passou por momentos dolorosos como a perda da mãe e o assassinato do pai. Ele também sofria de epilepsia, resultando em sua morte anos depois. Entre esses infortúnios chegou a ser condenado à morte pela participação em um atentado feito a Nicolau I, tendo a sentença revertida no último instante para a pena de trabalhos forçados na Sibéria. Sem dúvida, esses acontecimentos tiveram uma grande influência nas obras que escreveu, perpassando por monólogos e pessimismos constantes, mas ainda resistentes a um fio de esperança e redenção.

### **O mal em Dostoiévski**

Como sabemos o conceito de verossimilhança apresentado pela literatura, estabelecido pela conexão entre real e imaginário, permite ao texto literário explorar a realidade, transferindo ou conferindo sentimentos, acontecimentos e comportamentos reais ou passíveis de serem verdadeiros aos personagens retratados. Isso possibilita aos autores de ficção trazer aspectos e condições humanas a partir de sua imaginação, de seus imaginários. Como assinala Candido em seu livro *A personagem de ficção*:

Como pode existir o que não existe? No entanto, a criação literária repousa sobre este paradoxo, e o problema da verossimilhança no romance depende desta possibilidade de um ser fictício, isto é, algo que, sendo uma criação da fantasia, comunica a impressão da mais lídima verdade existencial. (CANDIDO, 2009, p.55).

Portanto, é partindo dessa definição que os personagens de Dostoiévski retratam uma realidade da condição humana que é bem perceptível: a problematização do mal. Ele transpõe esse aspecto humano de forma visível em seus escritos. E essa transferência provém dele aos seus personagens em decorrência de suas crises epiléticas: “O que pouca gente sabe é que ele

deu importante contribuição à neurologia ao descrever, pela boca de vários dos seus personagens, suas constantes crises epiléticas, pintando-as com cores fortes e nos mínimos detalhes”. (FILHO; DUNNINGHAM, 2013, p. 51). Deste modo, torna-se inevitável falar de suas criações sem vê-lo expresso nelas. Elas o revelam a partir das dores do autor, do mal que padecia, das circunstâncias acometidas pela sua doença. Ele delinearía em:

aderência excessiva a certas ideias detalhes e pessoas; tendência compulsiva a escrever (hipergrafia); alto senso de moralidade preocupação com questões relativas ao bem e ao mal, acompanhadas de ideias místicas e religiosidade; seriedade excessiva; sentimento de culpa e de perseguição; grande emotividade; desinteresse pela sexualidade; crença em um destino pessoal fora do comum, no que estava certo. (FILHO; DUNNINGHAM, 2013, p.53).

Assim, vemos a perspectiva do mal nas obras do escritor russo a partir do seu próprio infortúnio. O mal aqui, portanto, tem um sentido polissêmico, no que se refere a uma situação ou fato indesejado ao homem e suas reações maldosas a essa mesma situação, demonstrado de modo criativo em personagens fictícios. Desse modo, partimos do personagem descrito em *Memórias do subsolo* como uma possibilidade de alegoria do mal nele retratada, caracterizada por um homem malfadado, ex-funcionário público já aposentado.

No início do texto narrativo, dividido em duas partes, ao fixar um diálogo com seus interlocutores a quem sempre se dirige como "senhores", logo na primeira parte, explicita de modo claro e direto quem ele é: "Sou um homem doente... Um homem mau. Um homem desagradável". (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 6). Daí, já fica clara a imagem torpe e vitimista que possui sobre si mesmo.

Na segunda parte da novela, ao fazer algumas digressões, trazendo alguns fatos passados de sua vida que pareceram marcá-lo profundamente, sendo um desses aquele que um oficial o trata de forma desprezível e insignificante, provocando nele uma profunda abjeção ao ponto de agir de forma neurótica e vingativa; esperando o momento oportuno de contornar a situação, ainda que o permitisse apenas passar de maneira altiva sem ter que abrir caminho para sua passagem:

Ora, que seja de igual para igual, como geralmente se dá quando duas pessoas delicadas se encontram: ele há de ceder metade do caminho: tu farás o mesmo, e assim passareis um ao lado do outro, respeitando-vos mutuamente. (DOSTOIÉVSKI, 2009, p.41).

REVELLI, Vol. 16. 2024.

ISSN 1984-6576.

E-202403

O fato é que enquanto tal intento, acontecimento, não se dava, sofria horrores pela chegada do mesmo. Esse episódio (não único) de sentimento de insignificância, de inferioridade diante de "pessoas grandes" é rememorado por ele por diversas vezes, revelando as circunstâncias de seu sofrimento, de suas angústias interiores. Vê-se aí uma deformação do caráter, a concepção que o personagem possui de si mesmo é desproporcional, sendo incapaz de transcender a situação em que era colocado, seja pelos outros ou por si mesmo. Torna-se, dessa maneira, uma espécie de prisioneiro a mercê de seus contratempos. Por isso, acha-se no direito de humilhar pelo fato de já o ter sido antes, como uma compensação:

Humilharam-me, e eu também queria humilhar; amassaram-me como um trapo, e eu também quis mostrar que podia mandar... Eis o que aconteceu; e você pensou que eu fui para lá de propósito para salvá-la, não? Você pensou isto? Você pensou isto? (DOSTOIÉVSKI, 2009, p.88).

Demonstra o perfil de um homem perdido do real sentido de sua vida, beirando a loucura por conta disso. Histérico, irritadiço em seu modo de agir e pensar. Tudo isso, a partir de recordações de sua vida, demonstrando a falta de resiliência e a composição de uma personalidade mal formada, (de)formada e (de)gradada, não deixando de ter consequências apesar dos acontecimentos passados.

Por conta disso, enxergamos nesta novela dostoiévskiana uma formação do sujeito contrária a que acontecia em obras cuja narrativa voltava-se para um processo de construção do sujeito na perspectiva do *Bildung*, conceito que "torna evidente a profunda transformação espiritual" (GADAMER, *apud* BERMAM, 1984, p. 141), constituindo-se como uma narrativa formativa às avessas, de (de)formação, digamos assim.

Em Goethe, autor de *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, temos esta obra considerada o marco inicial do *Bildungsroman* (romance de formação). O romance é de formação justamente porque apresenta todo o processo de aprendizagem de um sujeito que se transforma ao longo da narrativa, de maneira positiva, assertiva. Já em Dostoiévski, teríamos um romance de "(de)formação", pois ele elabora uma maneira negativa do sujeito, a partir de um outro aspecto que não o construído em Goethe, o da empatia, que por sua vez traz a reflexão.

Esse aspecto pode ser visto no próprio homem do subsolo. Personagem emblemático que se enternece com a solidão, mas não para se refazer e crescer. Ao refletir sobre suas dificuldades, ao invés de iniciar seu processo de formação/transformação em alguém mais humano, ele o faz para praticar atos libertinos, fugir dos outros e até de si mesmo:

Praticava a libertinagem solitariamente, de noite, às ocultas, de modo assustado, sujo, imbuído da vergonha que não me deixava nos momentos mais asquerosos e que até chegava nesses momentos, à maldição. Mesmo assim, eu já trazia na alma o subsolo. Tinha um medo terrível de ser visto, encontrado, reconhecido. (DOSTOIÉVSKI, 2009, p.37-38).

Não desfrutava, assim, de uma solidão que pode ser criativa e libertadora, como afirma o psiquiatra Augusto Cury: "O tédio e a solidão brandas são fundamentais para interiorização, a reorganização do pensamento e a criatividade. Quem não consegue ficar a sós consigo mesmo não engravida de novas ideias, torna-se um zumbi social". (CURY, 2018, p.140). Porém, ele não se abria a esse fruto que a introspecção poderia trazer. Deste modo, é verificável a presença do mal nesse homem do subsolo, homem este pessimista, com uma personalidade rasurada, rasgada, "deformada". E ao decidir permanecer nesse estado, perde a oportunidade de transformação, de virada, desse mesmo pessimismo em algo bom/ positivo para si.

Também em *Crime e castigo*, no personagem Raskólnikov, é possível observar uma deturpação de caráter, pois, ele vai bem mais além do que o personagem retratado em *Memórias do subsolo*, ao cometer dois assassinatos apoiado em uma teoria totalmente hedionda, talvez vendo nesse ato um "bem", ou possibilidade de mudança. Daí a afirmação de Bataille: "nós buscamos o Mal na medida em que o tomamos pelo Bem". (BATAILLE, 1989, p. 152). Mesmo o crime sendo tão bárbaro, a consciência sequer lhe doía, destituindo-o de todo o bom senso e chegando a considerar a velha que matara como um piolho: "Acontece, Sônia, que matei apenas um piolho, inútil, nojento, nocivo". (DOSTOIÉVSKI, 2019, p. 422). Algo naturalizado por muito tempo, mesmo depois de assumir o crime cometido às autoridades. Tal atrocidade era consolidada, novamente, como um ato de compensação devido a sua situação de penúria, miséria e lástimas, ao morar em um quarto pequeno, rústico e sem dinheiro. O fato de ter cometido o crime e mesmo ao tomar as posses da velha e livrar-se delas certo tempo depois, escondendo-as embaixo de uma pedra; desculpar-se na

possibilidade de uma atrocidade acometida por um mal ocasionado, sem sequer conseguir suportar usufruir dos bens roubados.

É certo que há a presença forte nesta narrativa da consciência, como que uma pressão psicológica, um fluxo de consciência exercida sobre Raskolnikov, (in)justificada por ele mesmo e pelo meio em que se acha envolto, dando-lhe, assim, forças para cometer os assassinatos inseridos em um contexto totalmente adverso ao desejado. O jovem estudante, que no momento, por causa da situação, estava incapacitado de estudar e sem muitas possibilidades de um futuro, absolve em suas atitudes seu caráter com mostras de tortuosidade e deformação. Tudo, acabaria por influenciar e consentir seu comportamento fortemente, mesmo resultando em um mal ainda maior; pois apesar de toda a situação abjeta em que um ser humano pode estar situado em sua existência, ainda assim: "[...] a vida tem um sentido potencial sob quaisquer circunstâncias, mesmo as mais miseráveis". (FRANKL, 1987, p.6). Vitor Frankl viveu em um campo de concentração e com isso observava de perto o agir humano em uma situação totalmente desfavorável, compartilhando essa experiência em sua obra *Em busca de sentido*(1987),na qual chega a afirmar:

Antes de mais nada há um perigo inerente na doutrina do "nada mais que" o resultado de condicionantes biológicos, psicológicos e sociológicos, ou produto da hereditariedade e do meio ambiente. Semelhante visão do ser humano faz o neurótico acreditar no que ele já tende a pensar de qualquer forma, a saber, que é um peão passivo e vítima de influências externas ou circunstâncias internas. Este fatalismo neurótico é fomentado e reforçado por uma psicoterapia que nega liberdade à pessoa humana. (FRANKL, 1987, p.85).

Também Sakamoto, ratifica essa ideia do mal e da liberdade do homem:

Por outro lado, a negação do mal para Dostoiévski nega a progenitura do homem, nega a profundidade de sua verdadeira natureza, e ainda, nega a liberdade do espírito humano e a responsabilidade que lhe é inerente. O mal é sinal que existe no homem uma profundidade interna ligada à personalidade; só a personalidade pode criar o mal e responder por ele, uma força impessoal não seria capaz de ser responsável pelo mal. A concepção do mal e da liberdade em Dostoiévski está ligada à sua concepção de personalidade. Negar a personalidade é também negar o mal, se existe no homem a personalidade em profundidade, então o mal tem fonte interior e não pode ser resultado de circunstâncias externas. (SAKAMOTO, 1994, p.107-109).

Deste modo, fica corroborado que o homem mesmo nas situações mais inóspitas, ainda é livre para transcendê-las ou sucumbir a elas. É isso que sucede a Raskólnikov e ao homem do subsolo: estão ligados entre si por suas características e circunstâncias. Ambos vivem momentos de angústia, sofrimento e remorso por suas reações as condições em que se encontram. Têm-se aqui, portanto, nessas personalidades singulares, uma personificação do mal, representando o próprio mal vivido nesses tempos atuais como a pandemia do Coronavírus. Um mal ocasionado inevitavelmente. Tal qual as condições de vida dos personagens dostoiévskianos. Este potencial pandêmico veio acompanhado de muita angústia e melancolia por suas consequências, e estas, sendo traduzidas tanto na morte física provocada pelo vírus, como mental e espiritual.

Então o mar de sofrimento de Raskólniov e do homem do subsolo, somam-se a males universais que podem atingir qualquer ser humano, sendo análogos a essa pandemia que tem afetado também a todos. E esses personagens literários denotam, do mesmo modo, essa ideia da mente adoecida ou afetada de alguma forma. Vemos como eles têm um psicológico alterado por fatos, circunstâncias e ocasiões. Isso, como já ficou dito, tem suas mostras nos monólogos infintos dos dois, que também se enclausuram, confinam-se socialmente e resguardam-se tantas vezes da companhia das pessoas não só por medidas profiláticas, mas ainda por um sentimento de deformidades em muitas conjunturas sociais, existenciais; demonstrando por egoísmo e por culpa o próprio debruçar sobre si em exageros e histerias.

Assim, paralelamente, tem sido a pandemia para a maioria das pessoas obrigadas ao isolamento social, esse afastamento diante do relacionar-se cotidianamente tem nos feito voltar a si, aos nossos fluxos de pensamentos e consciências excessivas de preocupações sem fim, produzindo uma dor ainda maior que a já existente. O homem do subsolo também revela uma dificuldade para fazer uma memória de sua vida passada de forma saudável, fomentando a partir de muitos acontecimentos ruins, uma leitura que ao invés de fazê-lo crescer, introjeta-o, prende-o ainda mais ao passado de maneira negativa. Igualmente, vê-se a maioria das pessoas nessa pandemia, compulsivamente, rememorando cenas e notícias perturbadoras, sem o resguardo de pensamentos e em suas memórias para crescerem com a crise.

## **O Bem em Dostoiévski**

Já quanto à questão do bem, temos que ele realmente pode ser alcançado pelo ser humano, por meio de sua liberdade e de suas ações concretas, como já ficou posto. Nas mesmas obras, *Memórias do subsolo* e *Crime e castigo*, vemos a demonstração do bem em duas figuras, que assim como os dois personagens já comentados, também possuem modos de vida semelhantes, Liza e Sônia.

A primeira aparece na vida do homem do subsolo como prostituta abandonada em um prostíbulo pelo pai e, assim, teve sua vida totalmente transformada. Ele a vê quando entra nesse lugar à procura dos oficiais que deixaram-no sozinho, aborrecido e humilhado após um encontro. Nesse ambiente, iniciam um diálogo, em que ele a humilha muitas vezes. Um desses momentos é quando descreve como poderá ser sua morte.

E, quando estiver morrendo, todos vão abandoná-la e virar-lhe o rosto; pois o que se poderá então obter de você? Ainda irão censurá-la por ocupar um lugar de graça, por estar custando morrer. Se pedir água, vão dá-la, mas com um insulto: “Quando é que vai morrer afinal, peste? Atrapalha o nosso sono, geme, os fregueses ficam com nojo”. É exatamente assim: eu mesmo tive ocasião de ouvir tais palavras. Moribunda, vão atirá-la para o canto mais fétido do porão, um canto escuro, úmido. O que não pensará então você, deitada ali sozinha? E, quando estiver morta, mãos estranhas irão vesti-la às pressas, aos resmungos, com impaciência; ninguém vai abençoá-la, ninguém suspirará por você; todos vão querer ver-se livres daquilo o quanto antes. Comprarão um caixão e carregarão do modo como hoje carregaram aquela infeliz, e irão ao botequim beber à sua memória. (DOSTOIÉVSKI, 2009, p.75).

E quando fala que ela agora perdeu sua liberdade ao entrar para essa vida:

Quanto a você, começa como escrava. Sim, escrava! Você entrega tudo, toda a vontade. E depois há de querer romper esta corrente, mas não é mais possível: ela irá emaranhá-la, cada vez com mais força. Assim é esta maldita corrente. Eu a conheço. Agora não falo de outras coisas. Talvez você nem me compreendesse. Mas, diga-me: certamente, você já tem dívida com a patroa? Bem vê! – acrescentei, embora ela não me tivesse respondido, mas apenas ouvisse em silêncio, com todo o seu ser. – Aí tem você: isto é que é uma corrente! Você nunca mais há de comprar a sua liberdade. Assim tem de ser. É o mesmo que vender a alma ao diabo... (DOSTOIÉVSKI, 2009, p.68).

Depois desse diálogo, ela irrompe em desespero como o mesmo narrador dá a entender: "Todo o corpo jovem estremece, como que em convulsões. Os soluços



comprimidos em seu peito faziam pressão, dilaceravam-na, e, de repente, rompiam para fora, com gritos e clamores". (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 76). Assim, Liza é levada a esse transtorno pelas palavras de seu interceptor. Mas, logo após isso, como que reconhecendo o seu erro, ele lhe pede perdão e entrega o seu endereço. E é então que acontece uma transformação no semblante dela depois disso, que de sombrio passa a suavidade e a doçura. Pois então, mostra a ele uma carta de um estudante, com quem tivera contato dias antes em um baile e aí, com certeza, há uma esperança de mudar de vida. Uma perspectiva de futuro, em que ela "Pobrezinha, guardava a carta daquele estudante como uma preciosidade, e correria para apanhar aquele seu único tesouro, não querendo deixar-me partir sem ficar sabendo que ela também era amada, honesta e sinceramente, que também lhe falavam com respeito". (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 77). Assim, apesar da dor e das duras palavras que houvera escutado, não perdeu a esperança de se ver em situação melhor.

Em conformidade com a figura de Liza, têm-se também a de Sônia, personagem de *Crime e castigo*. Ela leva a mesma vida, modificada pela prostituição, não pelo mesmo motivo da outra, entretanto. Outrossim, quase que por livre escolha, e também por influência da madrasta que viúva e deixada com três filhos casara com seu pai. Esse sacrifício de Sônia se mostra necessário para ajudar a família que está na miséria, já que seu pai perdeu o emprego e é alcoólatra. Têm-se uma descrição bastante minuciosa sobre ela, feita por Raskólnikov quando a observa:

Era um rostinho magro, macérrimo e pálido, bastante irregular, um tanto anguloso, com um nariz e um queixo pontiagudos. Nem se podia dizer que fosse bonitinha, mas em compensação os olhos azuis eram tão claros, e quando se avivavam a expressão do rosto se tornava tão bondosa e cândida que exercia uma atração involuntária. No rosto dela, como em toda a sua figura, havia ainda um traço característico: apesar dos seus dezoito anos, ela ainda parecia quase uma menina, bem mais jovem do que realmente era, quase completamente criança, e aqui e a ali isso chegava até a manifestar-se em alguns de seus gestos. (DOSTOIÉVSKI, 2019, p.244).

Assim, vemos realmente se tratar de uma menina despida de sua dignidade em favor de sua família. Aqui, há um contraste entre ela e Raskólnikov: este em sua situação de miséria chega a cometer os assassinatos, enquanto que ela é que se põe em uma circunstância desfavorável, para ver o bem-estar dos seus. Se doa ao ponto de que, quando ele lhe pergunta o porquê dela ainda não ter tirado a própria vida, estando em tão triste situação, ela lhe

responde sem mal refletir: "E o que seria deles?" (DOSTIÉVSKI, 2019, p.328), ou seja, de sua madrasta e de seus filhos. E nessa hora:

Ele leu tudo em um olhar de Sônia. Então ela mesma já estava realmente pensando assim. Pode ser que muitas vezes, em momentos de desespero, tivesse ponderado seriamente como pôr termo à vida de uma vez, e tão seriamente que agora quase se surpreendia com a sugestão dele. Não notara nem a crueldade de suas palavras (o sentido de suas censuras e do seu ponto de vista especial sobre a ignomínia dela, é claro, ela também não havia notado, e ele o percebia). Mas compreendeu perfeitamente o monstruoso grau de sofrimento com que a ideia da condição de desonrada e ignominiada vinha atormentando-a há muito tempo. O que então, pensava ele, o que então a impediu até hoje de por em prática a decisão de acabar de vez com a vida? E só aí ele compreendeu inteiramente o que significavam para ela aquelas criancinhas pobres e órfãs, e aquela Catierina Ivánovna miseranda e meio louca, com sua tísica e suas cabeçadas contra a parede. (DOSTOIÉVSKI, 2019, p. 328).

Deste modo, ela dá mostras de sua grandeza de alma. Mas essa demonstração se revela maior quando Raskólnikov, ao confessar-lhe os assassinatos que cometeu, causa nela em um primeiro momento repulsa, no entanto, percebendo a miséria do estado em que ele se encontra não o deixa, fica ali ao seu lado prometendo-lhe acompanhá-lo sempre: "Vou te acompanhar, vou a toda parte". (DOSTOIÉVSKI, 2019, p. 418). Mas ela deixa claro que, deve-se "[...] assumir o sofrimento e redimir-se, é isso que é preciso" (DOSTOIÉVSKI, 2019, p.426). E depois de relutante, ele acaba por se denunciar as autoridades e a acolher a sentença de ir para os campos de trabalhos forçados para sua remissão. E é aí que se dá de forma mais concreta o papel de Sônia na vida do criminoso, permanecendo perto dele nesse tempo e o ajudando, levando-o a encontrar a redenção. Neste sentido, assim como Raskólnikov, conjuntamente com o homem do subsolo podem ser uma personificação do mal, Sônia e Liza seriam essa personificação do bem, complementares revelado na própria literatura.

É essa ideia que nos permite chegar à conclusão de que nem sempre o mal é o que dá a última palavra. A verdade, é que tantas vezes se manifesta para que o bem seja conhecido e o ultrapasse. De fato, Bataille afirma:

Assim como o horror é a medida do amor, a sede do Mal é a medida do Bem. A legibilidade deste quadro é fascinante. O que dissipa nela é a possibilidade de captar um aspecto complementar. O Mal parece

compreensível, mas é na medida em que o Bem é sua chave. (BATAILLE, 1989, p.124).

E acentua:

Sem o negro, o rosa teria o valor que atinge a sensibilidade? Sem a infelicidade a ele ligado como a sombra à luz, uma imediata indiferença responderia à felicidade. Isso é tão verdadeiro que os romances descrevem indefinidamente o sofrimento, quase nunca a satisfação. Finalmente, a virtude da felicidade é feita de sua raridade. Fácil, seria desdenhada, associada ao tédio. (BATAILLE, 1989, p. 125).

Sendo assim, o mal, ao invés de obscurecer o bem, antes o afirma, antes o ressalta, pois só se percebe quão importante é o bem quando ele está ausente. E é deste modo que Sônia, por exemplo, faz esse papel de reveladora do bem, da esperança, da redenção, do apaziguamento interior. Ela e Liza não só simbolizam a transcendência do bem sobre o mal, como chegam mesmo a transformá-lo em sua natureza. É esse o mesmo papel que a literatura tem feito nesse tempo de pandemia, modificando uma eventualidade má em oportunidade de redenção, de autoconhecimento, de encontrar-se.

### **A Literatura como Remédio na Pandemia**

Ao seguir essa linha de raciocínio, presenciamos como a pandemia coloca-nos anverso ao enfrentamento de inúmeras consequências desastrosas individualmente e coletivamente, de forma positiva ou negativa, ou ainda permissivas diante de situações más transvestidas de boas. Pessoas adoecem psicologicamente, fisicamente e chegam a morrer pelo contágio infeccioso do vírus. O ser humano é um composto de corpo e mente, à medida que uma parte de seu ser é afetada, todos os âmbitos tendem a também o ser. Não é apenas a doença física que adoce e mata, mas a espiritual e a emocional que acelera muitas vezes o processo.

Torna-se oportuno ressaltar os diversos momentos pandêmicos ocorridos durante a história, entre elas a Peste Negra durante a Idade Média que afetou a Europa e a Ásia. Zattera, citando Johan Huizinga, demonstra como estava o clima naquela época: “[...] o autor enfatiza que não havia só desânimo com a vida, mas também o medo de viver, diante das profundas e

inevitáveis tristezas”. (ZATTERA, 2014, p.16). Zattera também traz a fala do papa Clemente VI, como fonte desse acontecimento, dando um detalhamento maior:

No ano de Senhor, 1348, aconteceu sobre quase toda a superfície do globo uma tal mortandade que raramente se tinha conhecido semelhante. Os vivos, de fato, quase não conseguiam enterrar os mortos, ou os evitavam com horror. Um terror tão grande tinha-se apoderado de quase todo o mundo, de tal maneira que no momento que aparecia em alguém uma úlcera ou um inchaço, geralmente embaixo da virília ou da axila, a vítima ficava privada de toda assistência, e mesmo abandonada por seus parentes. O pai deixava o filho em seu leito, e o filho fazia o mesmo com o pai. Não é surpreendente, pois, que quando numa casa alguém tinha sido tocado por este mal e tinha morrido, acontecesse muito frequentemente, todos os outros moradores terem sido contaminados e mortos da mesma maneira súbita; (...). E esta peste se prolongou além do ano anteriormente dito durante dois anos seguidos, espalhando-se pelas regiões onde, primeiramente, não tinha acontecido. (CLEMENTE VI, p. 252, *apud* ZATTERA, 2014, p. 22).

É neste contexto que o *Decameron* é produzido, sendo uma famosa obra do autor italiano Giovanni Boccaccio escrita entre os anos de 1348 e 1353. Composto de cem histórias contadas por dez jovens, sete moças e três rapazes, que no ano de 1348, no auge da peste, resolvem se refugiar numa casa de campo em Florença, por dez dias, para fugirem da doença e se divertirem. O nome *Decameron* tem origem no grego "deca", que significa dez e "hemeron", dias, jornadas, significando os dez dias que os jovens passaram contando histórias uns para os outros. Vê-se, desse modo, como a literatura desde muito tempo já tinha um papel fundamental para a saúde do corpo/mente das pessoas.

Hoje, por outro lado, não são apenas dez pessoas que enfrentam uma pandemia em busca da cura, mas uma humanidade inteira que anseia por refúgio. Vemos muitas características da pandemia vivida naquele tempo com a que enfrentamos agora: a questão de não conseguirem sepultar os mortos se assemelha a situação atual da privação da cerimônia fúnebre adequada para seus entes queridos, impedindo-lhes de viver o luto tão necessário. Assim sendo, a literatura apresenta-se como esse remédio necessário diante de tantas ausências, uma espécie de terapia de cura para o combate à doença que nos afeta distanciando-nos de afetos quase sempre, obrigando-nos (re)significar a morte e a própria celebração da vida.

Diante desse grande exemplo do *Decameron*, é imprescindível concluir como o ser humano tem essa necessidade de trégua, acalanto, repouso, prazer, de sorrir, de pensar em

outras coisas e não somente em pontos de cotidianos mecânicos. Priscila Nascimento Marques demonstra essa necessidade de atos positivos a partir do modo de agir de Raskólnikov ao se dirigir a Sônia com palavras tão fortes, mas ainda assim, a fazer graça da circunstância: “A necessidade de fazer graça com a situação, isto é, de despojá-la de sua seriedade oficial, constitui um movimento de aproximação da ideia de entregar-se”. (MARQUES, 2016, p.226). E cita Bakhtin:

O riso é uma posição estética determinada diante da realidade mais intraduzível à linguagem da lógica, isto é, é um método de visão artística e interpretação da realidade e, conseqüentemente, um método de construção da imagem artística, do sujeito e do gênero. O riso carnavalesco ambivalente possuía uma enorme força criativa, força essa formadora de gênero. Esse riso abrangia e interpretava o fenômeno no processo de sucessão e transformação, fixava no fenômeno os dois pólos da formação em sua sucessividade renovadora constante e criativa: na morte prevê-se o nascimento, no nascimento, a morte, na vitória, a derrota, na derrota, a vitória, na coroação, o destronamento, etc. o riso carnavalesco não permite que nenhum desses momentos se absolutize ou se imobilize na seriedade unilateral. (BAKHTIN,2008, p. 189 *apud* MARQUES, 2016, p. 226).

É certo que o ser humano não pode (con)viver continuamente por motivos ruins sem ser extremamente afetado. Em tempos de pandemia, é isso o que tem levado a um aumento bem expressivo no número de suicídios de pessoas com depressão e ansiedades. É diante desta situação que a literatura aparece como uma forma de cura, pois reclusos em casassem poder desfrutar dos mais variados tipos de lazeres oferecidos costumeiramente, não ficamos, entretanto, desprovidos do entretenimento e prazer ocasionados pelas obras literárias. Desse modo, despojamos pensamentos de ideias pessimistas, redirecionando-nos para um "mundo diferente", a uma outra realidade de cura. Ao estar em contato com a literatura, ao mesmo tempo que nos protegemos do vírus e livramo-nos do "mal" por ele provocado, suportarmos com serenidade “esse tempo difícil” na atemporalidade das “linhas literárias dos tempos”.

Nessa mesma perspectiva, podemos aditar a ideia de *phármakon*, discutida por Jacques Derrida em sua obra *A farmácia de Platão* (2005). Para além da literatura pensada como uma espécie de remédio, enquanto cura, mas também podendo ser encarada em seu aspecto de veneno, causando um mal-estar ainda necessário para o leitor em isolamento social, fazendo-o progredir em sua sessão de uma “terapia literária” de choques e entrechoques. Para o filósofo:

Esse *phármakon*, essa “medicina”, esse filtro, ao mesmo tempo remédio e veneno, já se introduz no corpo do discurso com toda sua ambivalência. Esse encanto, essa virtude fascinação, essa potência de feitiço podem ser alternada ou simultaneamente – benéficas e maléficas. O *phármakon* seria uma substância, com tudo que esta palavra pode comprar, no que diz respeito à sua matéria, de virtudes ocultas de profundidade crítica recusando sua ambivalência a análise, preparando desde então, o espaço da alquimia, caso não devamos seguir mais longe reconhecendo-a como a própria anti-substância [...] (DERRIDA, 2005, p. 14-15).

A título de exemplo, citamos a passagem do livro *Memórias do subsolo*, em que o narrador-personagem rememora a visita de Liza ao seu apartamento. A forma como ele trata a mulher causa um estranhamento, um mal-estar em quem lê: “Veio porque eu disse então a você *palavras piedosas*. Pois bem, você ficou enternecida com elas, e agora quis ouvir de novo ‘palavras piedosas’. Pois saiba, saiba de uma vez, que eu então estava rindo de você. E agora também rio” (DOSTOIÉVSKI, 2009, p.88). No entanto, essa emergência de sentimentos perversos serve também para influenciar nessa cura literária do leitor, já que no momento todos se voltam para si mesmos, refletindo sobre si, isso é importante. O autor russo nos oportuniza esse entre lugar do pensamento e das sensações observadas entre o bem e o mal.

Outro benefício acarretado pela literatura é o ensejo de novas perspectivas à situação atual enfrentada, de uma (re)dimensão de problemas, contemplando o futuro de forma esperançosa e otimista, sem as amarras e debilidades do tempo presente. Vemos em Raskólnikov e no homem do subsolo, um modo triste e melancólico para enfrentar as situações indesejadas. Isso até em um primeiro momento é aceitável, mas quando vemos que ao longo do tempo eles não se utilizam desses infortúnios para se superarem, antes fazem com que suas dores cresçam, leva-nos a refletir se não temos agido assim nessa pandemia. Se também não potencializamos demais nossas dores. É nesse exemplo concreto, execrado da literatura que chegamos à concepção de cura por meio desta, compondo palavras carregadas de poder, atitudes, bênçãos, felicidade. Por meio delas têm-se a chance de retificar uma sentença fatal já dada, ou adquirir conhecimentos e sensações inusitadas. A literatura é cura porque traz emoção e ela evolve o leitor, operando uma visita dentro de si mesmo e, deste modo, ajudando a sanar aqueles sentimentos malignos alojados aí dentro. Como afirma Compagnon:

A literatura desconcerta, incomoda, desorienta, desnorteia mais que os discursos filosófico, sociológico ou psicológico porque ela faz apelo às emoções e à empatia. Assim, ela percorre regiões da experiência que os outros discursos negligenciam, mas que a ficção reconhece em seus detalhes. (COMPAGNON, 2009, p.50).

Em concordância com essa ideia de cura pela literatura, temos uma perspectiva ainda mais apaziguadora por meio do contato com os clássicos mesmo após gerações, trazendo algo de transformador para cada sociedade e cada leitor em particular; oportunizando o desfrute de uma obra consagrada pelo tempo em tempos distintos. Para isso, Calvino afirma: “É clássico aquilo que persiste como rumor mesmo onde predomina a atualidade mais incompatível”. (CALVINO, 1993, p.15). É por esse caminho que a literatura se torna uma fonte de cura, assumindo esse papel através de grandes obras clássicas, pois possuem um potencial maior de tocar o ser humano, justamente porque obras canônicas são escritas a partir da própria condição humana ou das vivências humanas, experienciadas ou não.

Com essas considerações, Dante Gallian vem trazer essa convicção de literatura como remédio enfatizando principalmente a importância dos clássicos para a saúde da alma na obra por ele publicada sendo *A literatura como remédio* (2017). Nela, Dante comenta acerca de vários relatos das pessoas que participaram de um laboratório de leitura organizado por ele, em que muitos alegam terem resolvido problemas a partir de trechos de obras lidas, provocando muitas vezes uma mudança de mentalidade e atitude perante as diversas situações, ou ainda, um autoconhecimento. Tudo isso, a partir de um encontro expressivo entre autor-leitor, como declara o próprio Gallian:

O reconhecimento desta expressão ou tradução do humano na experiência e compreensiva do leitor caracteriza, pois, aquilo que se pode definir como o encontro do humano; o encontro da feliz expressão do autor com o íntimo reconhecimento do leitor. Este encontro, como vimos teórica e empiricamente, tem um poderoso potencial humanizador, na medida em que não apenas desperta o leitor para esses conteúdos e valores essenciais, como também os “ativa”, desencadeando um movimento que envolve as dimensões afetiva, intelectual e volitiva deste mesmo leitor. Neste contexto, o conhecimento do humano na experiência de leitura dos clássicos leva, inevitavelmente, ao autoconhecimento e este, por sua vez, gerando crises no âmbito ético, pode levar a mudanças no nível da percepção e das atitudes – na maneira de ser e agir no mundo. (GALLIAN, 2017, p.179).

Esse encontro com a literatura propicia, na maioria das vezes, uma fuga dos problemas cotidianos e suas frustrações. Porém, isso não quer dizer que seja uma fuga infrutífera ou simplesmente para diversão, apesar de o prazer também estar envolvido, significa antes o aprofundamento nos conhecimentos contidos nos grandes clássicos, trazendo o sabor desse conhecimento acumulado ao longo dos séculos para as vivências do presente. Por isso, não é difícil imaginar como a arte literária pode ter tanta fecundidade e riqueza, especialmente em tempos de pandemia, pois muitos exemplos demonstram isso: ela pode acelerar a cura da nossa alma ou pode servir até mesmo como um antídoto para que não adoecemos. Nesse sentido, Gallian afirma ao final de sua obra:

Assim, extremamente apressado e ocupado leitor, conluo e me despeço. Porém, se ainda te interessar a cura para os males de nossos tempos desnorteados, creio que deixei claro aqui a prescrição: desocupa-te, despreocupa-te e, sem pressa, desfruta do substancioso remédio da literatura. E, de preferência, tomando-o segundo a posologia do Laboratório de Leitura. Não te prometo a cura, mas garanto que, pelo menos, te sentirás cuidado e aliviado de tua pressa, preocupação, e talvez, da tua solidão. O que não deixa de ser algo bastante importante para a saúde da alma. Não é mesmo? (GALLIAN, 2017, p.212).

Portanto, o essencial é nos vermos livres da pressa de nossos dias e dos efeitos tão desastrosos que a "doença" que temos enfrentado tem trazido, para podermos desfrutar das consequências benéficas que a leitura dos clássicos e da literatura em geral pode nos proporcionar.

### **Considerações Finais**

Assim, o objetivo desse artigo foi fazer uma análise a respeito do bem e do mal contidos nas obras *Memórias do subsolo* e *Crime e castigo*, de autoria de Dostoiévski, tendo em vista que ele explora especificidades da condição humana inerentes a toda a humanidade independente de tempo ou época. Diante dessa concepção, tomou-se como ponto de partida os personagens Raskólnikov e o homem do subsolo, das referidas obras, que por se assemelharem em alguns aspectos de suas vidas podem assumir a personificação do próprio mal, revelado em última instância na pandemia do Coronavírus. Por outro lado, o bem, do mesmo modo, pode ser encontrado nas mesmas obras, nas figuras de Sônia e Liza que



permeiam as vidas dos personagens já referidos, influenciando em certo sentido os seus destinos. Ambas, nesse contexto, seriam personalizadas como sendo o mesmo bem que se transfiguraria na literatura. E é nesta perspectiva que se chega à conclusão de uma literatura como remédio/terapia/cura para o mal que enfrentamos, já que de um lado se tem a pandemia como estruturação do mal e do outro a literatura como instrumento de transformação sendo personificada no bem.

## REFERÊNCIAS

- BERMAN, A. **Bildung et Bildungsroman**: le tempo de lareflexion, v. 4. Paris, 1984.
- BATAILLE, G. **A Literatura e o Mal**. Porto Alegre: L&PM, 1989.
- CANDIDO, A. A personagem do romance. *In*: CANDIDO, A. **A personagem de ficção**. 11. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- CURY, A. **O Homem mais feliz da História**. Rio de Janeiro: Sextante, 2018.
- COMPAGNON, A. **Literatura para quê?** Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: UFMG, 2009.
- CALVINO, I. **Por que ler os clássicos**. tradução Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- DERRIDA, J. **A farmácia de Platão**. São Paulo: Iluminuras, 2005.
- DOSTOIÉVSKI, F. **Memórias do subsolo**. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; gravuras de Evandro Carlos Jardim. 6. ed. São Paulo: 34, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Crime e castigo**. 8. ed. São Paulo: 34, 2019.
- FILHO, A.S. A.; DUNNINGHAM, W. **O Mal Criativo de Dostoiévski**. Revista Brasileira de Neurologia e Psiquiatria, v. 17, n. 2, p. 51-53, ago., 2013.
- FRANKL, V. E. **Em Busca de Sentido**. Tradução de Walter O. Schulupp e Carlos C. Aveline. Porto Alegre: Sulina, 1987; São Leopoldo: Sinodal, 1987.
- GALLIAN, D. **A literatura como remédio**: os clássicos e a saúde da alma. São Paulo: Martin Claret, 2017.
- MARQUES, P. N. A Compaixão como Virtude e como Fardo: Anotações sobre o Par Sônia e Raskólnikov, de Crime e Castigo. **Numen: revista de estudos e pesquisa da religião**, Juiz de Fora, v. 19, n. 1, p. 216-232, 2016.

ZATTERA, A. C. **Uma Análise Histórica Sobre o *Decameron* de Giovanni Boccaccio (1313-1375):** Riso e Regeneração. 2014. 59 f. Monografia (Curso de Licenciatura e Bacharelado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

SAKAMOTO, J. O problema do mal em Dostoiévski: destino trágico da liberdade humana. *In: XI Congresso Internacional da ABRALIC. Anais [...].* São Paulo: ABRALIC, 2008, p. 1-7.